

A instabilidade do sistema vocálico e consonantal em documentos antigos do Rio Grande do Sul dos séculos XVIII, XIX e XX

Tatiana Jimenes Silveira Ribeiro, tatianajsr@hotmail.com

Tatiana Keller, tatianakeller.ufsm@gmail.com

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul

Submetido em 10/05/2016

Revisado em 20/07/2016

Aprovado em 10/08/2016

Resumo: Com base em registros antigos pode-se olhar para o passado das línguas e estudar as mudanças e variações que estas sofrem no decorrer do tempo. Através do processo de reconstituição do texto escrito é possível obter dados linguísticos significativos, os quais podem representar a instabilidade do sistema vocálico e consonantal, na escrita, em diferentes estágios da língua. Neste trabalho, analisamos documentos antigos a fim de verificar indícios de variações linguísticas no que diz respeito ao sistema vocálico e consonantal do português. O *corpus* da pesquisa é constituído por 119 textos não literários, datados dos séculos XVIII, XIX e XX, das cidades de Santa Maria, São Sepé, Dom Pedrito, dentre outras. Os documentos constituem-se de memoriais, cartas, telegramas, recibos, boletins de ocorrências, autuações etc., editados e transcritos na disciplina de Filologia do Português, do Curso de Bacharelado em Letras, os quais pertencem ao Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, ao projeto *Banco de dados de textos escritos: português histórico do Rio Grande do Sul*, da Dr. Evelyne Costa (COSTA et al, 2012) e do Museu de Dom Pedrito. A partir das edições, foram coletados vocábulos em que as vogais e consoantes divergem da grafia do português atual. No que diz respeito ao sistema vocálico, observam-se fenômenos fonológicos, tais como *harmonia vocálica* (*feminino* - *fiminino*), *abaixamento* (*vizinho* - *vezinho*) e *alçamento sem motivação aparente* (*empréstimo* - *impréstimo*); variações relacionadas a ditongos e hiatos; em relação ao sistema consonantal, verifica-se a ocorrência de consoantes geminadas (*bella*), trocas consonantais (*poçível* - *possível*) e encontros consonantais impróprios (*prompto*). Por meio desse estudo é possível constatar que as mudanças linguísticas observadas em registros antigos ocorrem devido à influência da língua oral, como também pela influência de uma tradição ortográfica e etimológica no decorrer dos séculos.

Palavras chave: Documentos antigos. Variações linguísticas. Vogais e consoantes. Rio Grande do Sul.

Abstract: Based on ancient records we can look at the past of languages and study the changes and variations that these suffer over time. Through text reconstitution process writing it is possible to obtain significant linguistic data,

which may represent the instability of vowel and consonant system, in writing, at different stages of language. In this study, we analyzed ancient documents to verify evidence of linguistic variations with regard to vowel and consonant system Portuguese. The corpus of the research consists of 119 non-literary texts, dating from the eighteenth, nineteenth and twentieth centuries, the cities of Santa Maria, São Sepe, Dom Pedrito, and others. The documents are made up of memorials, letters, telegrams, receipts, issues, bulletins, notices etc., edited and transcribed in discipline of Filologia do Português, the Bacharelado em Letras course, which belong to the Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, the project *Banco de dados de textos escritos: português histórico do Rio Grande do Sul*, Dr. Evellyne Costa (Costa et al, 2012) and the Museo de Dom Pedrito. From the issues they were collected words in which the vowels and consonants differ from the spelling of the current Portuguese. With regard to the vowel system, are observed phonological phenomena such as *harmonia vocálica* (*feminino* - *fiminino*), *abaixamento* (*vizinho* – *vezinho*) and *alçamento sem motivação aparente* (*empréstimo* – *impréstimo*); variations related to diphthongs and hiatuses; in relation to the consonantal system, there is the occurrence of twin consonants (*bell*a) consonant exchange (*poçível* - *possível*) and improper consonant clusters (*prompto*). Through this study we can see that the language changes observed in ancient records occur due to the influence of the spoken language, but also by the influence of a spell and etymological tradition over the centuries.

Keywords: Ancient documents. Linguistic variations. Vowels and consonants. Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

Documentos antigos são um recurso de grande importância para a recuperação do patrimônio cultural de uma dada sociedade e para a transmissão e conservação desse patrimônio (CAMBRAIA, 2005). Por meio de registros antigos é possível observar características linguísticas, sociais e históricas de um determinado povo, além de permitir a compreensão da estrutura das línguas modernas, que pode refletir indícios de variações e de fenômenos linguísticos.

Apenas a partir do século XIX inicia-se uma normatização ortográfica da língua portuguesa. Essa falta de normatização pode ser percebida por traços da língua oral nos textos escritos, além disso, ela aparece nas trocas consonantais e vocálicas e nos resquícios de formas latinizadas, resultando em variações na escrita em desuso em relação às normas do português atual.

O presente trabalho tem como objetivo analisar as variações linguísticas relacionadas aos sistemas vocálico e consonantal, expressas por meio de processos fonológicos e por variações ortográficas e etimológicas.

Foi analisado um corpus de 119 documentos, *tais como recibos, telegramas, memoriais, cartas pessoais, dentre outros*, datados dos séculos XVIII, XIX e início do XX no Rio Grande do Sul. *Esses registros foram transcritos em edições diplomáticas, as quais preservam maximamente as características originais dos textos. Eles foram editados na disciplina de Filologia do Português, do Curso de Bacharelado em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria, os quais pertencem ao Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, ao projeto Banco de dados de textos escritos: português histórico do Rio Grande do Sul, coordenado pela Dr. Evellyne Costa e do Museu de Dom Pedrito.*

Basicamente, observamos nessas edições instabilidades de grafias referentes a ditongos e hiatos; fenômenos fonológicos que dizem respeito ao sistema vocálico, como harmonia vocálica (feminino - fiminino), abaixamento (vizinho – vezinho) e alçamento sem motivação aparente (empréstimo – impréstimo). Em seguida, analisamos o sistema consonantal, como o uso das geminadas (bella), trocas consonantais (pocível) e encontros consonantais impróprios (prompto).

Acreditamos que as variações linguísticas apresentadas na análise nos auxiliem a compreender mudanças linguísticas do português em vários estágios da língua, como também a busca por explicações dos fenômenos fonológicos que perduram na língua atualmente. Desse modo, *tomamos como base autores como Seara; Nunes; Lazzarotto-Volcão (2015) e Amaral (1996), além de estudiosos da variação da língua portuguesa desde seus primeiros registros, como Teyssier (2001), Paiva (2008), Mattos e Silva (1991), dentre outros.*

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Estudiosos como Monaretto (2005) e Paredes e Bueno (2014) salientam a importância dos textos antigos, pois eles servem como um mecanismo que possibilitam o estudo das línguas em diferentes estágios. As línguas podem sofrer mudanças com o passar do tempo, e essas mudanças podem refletir em diferentes maneiras de pronúncia e de escrita de palavras, de estrutura lexical, de organização sintática, etc.

Como relata Paredes e Bueno (2014), o trabalho de investigação de textos antigos está relacionado a várias ciências, como a sociolinguística, a linguística histórica e a filologia. Desse modo, com o auxílio desses campos do saber, é possível compreender as influências e transformações que as línguas sofreram no decorrer dos séculos.

Como este trabalho parte da análise de dados escritos antigos, a linguística histórica nos auxiliará na explicação das mudanças que ocorreram e ainda ocorrem em vocábulos no português atual, porque como explicam as autoras, essa ciência:

[...] trata da interpretação das mudanças – fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais, ao longo do tempo, por que passa determinada língua ou um conjunto de línguas ao serem usadas, respeitando a cultura de cada povo que a utiliza como meio de comunicação e o contexto geográfico e territorial em que esse povo está inserido. (PAREDES; BUENO, 2014, p. 67)

Ademais, as autoras declaram que a linguística histórica e a sociolinguística se entrelaçam, porque buscam explicações linguísticas de

acordo com o contexto social, cultural e histórico, no qual o falante está inserido. A filologia auxilia a linguística histórica, por exemplo, pois aquela trabalha com manuscritos, textos antigos e sua reconstituição, “tornando-se os corpora para possíveis análises das variações e mudanças linguísticas ao longo do tempo” (PAREDES; BUENO, 2014, p. 68).

A partir de fontes escritas antigas pode-se, por exemplo, perceber casos em que vocábulos encontram-se grafados de maneira diversa do português atual. Logo, é possível verificar indícios de fenômenos fonológicos que perduram até hoje na língua, e de características ortográficas de um determinado período de tempo. Monaretto (2005) aponta que alterações gráficas têm procedências diversas e são importantes para a escolha de dados significativos fonologicamente.

Adota-se neste trabalho a classificação de Lass (2000) que apresenta três categorias que possibilitam a diferenciação dos dados linguísticos retirados dos textos antigos: a) *lixo*, ou seja, lapso do escriba; b) *grafia significativamente fonológica*, a qual indica processos fonológicos; e c) *variação puramente ortográfica*, que representa dados de tradição ortográfica e etimológica.

O foco deste trabalho é analisar os fenômenos fonológicos e variações ortográficas ou etimológicas relacionados às vogais e às consoantes em textos escritos nos séculos XVIII, XIX e XX. Alguns desses processos linguísticos são corriqueiros na fala do brasileiro. Câmara Jr. (1979), com relação às vogais, cita os processos de harmonização e abaixamento vocálico, em dados da fala do português brasileiro, os quais também podem ser vistos nos documentos escritos do nosso corpus.

A seguir, são descritos os sistemas vocálico e consonantal do português brasileiro de acordo com Câmara Jr. (1979).

1.1 O Sistema Vocálico

Sobre o sistema vocálico, Câmara Jr. (1979, p.39) explica que há 7 timbres vocálicos na língua oral, mas apenas 5 grafemas para representá-los na língua escrita. Para o autor, a classificação das vogais, como fonemas, deve partir da posição tônica, que compreende 7 fonemas, na qual há alternâncias

entre médias altas (2º grau), /ê/ e /ô/¹ e médias baixas (1º grau) /è/ e /ò/, como por exemplo, em palavras como forma (ô) e forma (ò); exceto quando há consoante nasal na sílaba seguinte, a qual extingue as vogais médias de 1º grau ou baixas “e torna a vogal baixa central [a] levemente posterior, em vez de anterior, o que auditivamente lhe imprime um som abafado” (CÂMARA JR., 1979, p.42).

Segundo Câmara Jr. as vogais em posição tônica são 7:

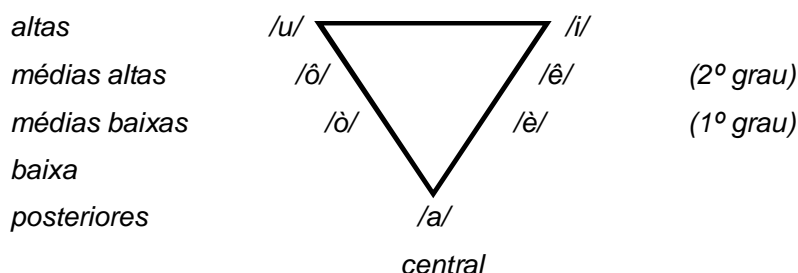


Figura 1: As vogais do português brasileiro
Fonte: Adaptado de Câmara Jr. (1979, p. 41)

Entretanto, pode-se perceber, na próxima figura, que na posição pretônica, a diferença entre médias de 1º e 2º grau desaparecem, restando apenas 5 vogais. A neutralização das vogais em posição pretônica acontece assim: /è/, /ê/ passam a /ê/ (fechado) e o /ò/, /ô/ passam a /ô/ (fechado)². O autor dá como exemplo o adjetivo formoso, derivado de forma com /ò/ tônico, em que se tem /for/ devido à posição pretônica da sílaba.

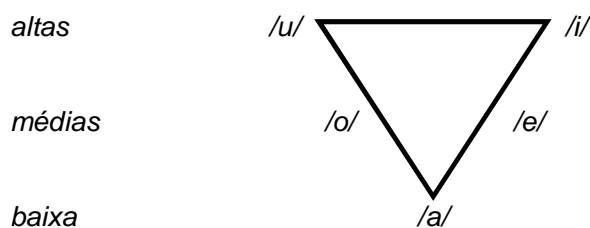


Figura 2: As vogais do português brasileiro

¹ Nesta subseção sobre o sistema vocálico, com base em Câmara Jr., manteremos a notação original do autor, mas ao longo do trabalho usaremos a notação do Alfabeto Fonético Internacional.

² Neste caso, Câmara Jr. refere-se ao português falado no sul-sudeste do Brasil.

Fonte: Adaptado de Câmara Jr. (1979, p. 44)

Assim, em relação às vogais postônicas finais átonas, verifica-se o processo de neutralização, que é muito comum na fala, em que há uma redução do número de fonemas (CÂMARA JR., 1979). Isso ocorre também nas átonas finais, em que as vogais altas “abaixam” para as médias, restando apenas 3 fonemas, então, podemos perceber que as *diferenças entre médias e altas desaparecem, como observa-se na Figura 3, a seguir. Como exemplo, o autor cita rimas como Vênus que rima com serenos.*

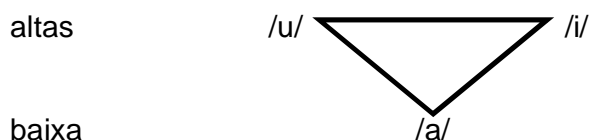


Figura 3: As vogais do português brasileiro
Fonte: Adaptado de Câmara Jr. (1979, p. 44)

1.2 O sistema consonantal

Do ponto de vista fonético, os sons consonantais são realizados por meio de algum “tipo de obstrução nas cavidades supraglotais de maneira que haja obstrução total ou parcial da passagem da corrente de ar podendo ou não haver fricção”, como explica Silva (2002, p. 26). Quanto ao sistema fonológico do português, Cavaliere (2005) mostra que as consoantes e as vogais possuem traços fonológicos que as diferenciam claramente, no que diz respeito:

- a) à natureza assilábica da consoante: ela não figura como núcleo silábico, aparece nas margens da sílaba (por exemplo, *man.ca*);
- b) ao seu papel de atuar sempre como base silábica: há mais palavras formadas por sílabas do tipo CV do que do tipo V;
- c) e quase sempre em posição pré-vocálica: quase todas as consoantes podem aparecer antes de uma vogal, o mesmo não ocorre na posição pós-vocálica.

Câmara Jr. (1979) aponta que as consoantes podem ocupar diferentes posições na sílaba, exceto alguns fonemas consonânticos, por exemplo, as

palatais (/lh/ e /nh/) e o /r/ brando que não existem em posição inicial³. O autor parte da posição da consoante na sílaba em relação à vogal para classificar os segmentos consonantais. Na posição pré-vocálica, há 19 fonemas: /p/, /b/ (pata/bata); /t/, /d/ (mete/mede); /k/, /g/ (cata/gata); /f/, /v/ (faca, vaca); /s/, /z/ (caça/casa); /ʃ/, /ʒ/ (queixo, queijo); /m/, /n/, /ɲ/ (amo, ano, anho); /r/, /l/ (carro/caro); /l/, /ʎ/ (vela/velha). Na posição pós-vocálica, há 4 fonemas: /S/ (casca), /N/ (canta), /R/ (colar), /l/ (maldade).

No que diz respeito aos encontros consonantais, no português atual são permitidas apenas as combinações de oclusivas (p, b, t, d, k, g) e de fricativas não-sibilantes (f, v) com líquidas (l e ll), em início e meio de palavra, como nos exemplos a seguir: /p/ (prato, apresentar), /pl/ (pluma, amplo), /b/ (bruma, abrir), /bl/ (bloqueio/ emblema), /tr/ (trinca/ através), /tl/⁴ (meio) (atlas), /d/ (dreno/ pedra), /dl/⁵ (não tem), /k/ (cravo, recreio), /kl/ (clamor, reclamar), /g/ (grama/ agrário), /gl/ (glote, aglomerado), /fr/ (frito, africada), /fl/ (flaneta, aflito), /vr/ (meio) (livro) /vl/⁶ (não tem).

As demais combinações consonantais são consideradas *impróprias*. Tais grupos consonantais, com base em gramáticas históricas, como expõe Donadel (2007), sofreram mudanças desde o latim vulgar, passando pelo galego-português, entre os séculos IX e XIV, e assim posteriormente. Os grupos consonantais impróprios têm destaque neste trabalho, pois há uma gama de palavras presentes no *corpus* que os representam. Segundo a autora, esse grupo “é aquele que não é formado por uma obstruinte [oclusivas, fricativas e africadas] mais uma líquida, como *significar, aptidão, pacto, adjetivo*”, cujas mudanças do latim para o português ocasionaram a “eliminação de uma das consoantes, normalmente a primeira” (DONADEL, 2007, p. 18).

A seguir, observam-se os casos mais recorrentes desses encontros consonantais em português de acordo com Donadel (2007).

³ Há nesta posição um número muito pequeno de palavras iniciadas por esses segmentos, tais como: *lhama, lhe, rhoque, nhamé*.

⁴ Os encontros consonantais /tl/ e /vr/ ocorrem apenas no meio de palavras.

⁵ /dl/ - essa combinação não ocorre no português.

⁶ /vl/ - essa combinação ocorre apenas em nomes próprios, como Vladimir.

Grupo	Nº de palavras encontradas
[kt]	1.954
[pt]	988
[ps]	629
[gn]	579
[bs]	315
[ks]	287
[gm]	190
[bZ]	100
[dZ]	74
[dv]	50
TOTAL	5.166

Quadro 1 - Encontros Consonantais Impróprios no português brasileiro
Fonte: Donadel (2007, p. 23-24)

Em comparação a esses dados, podemos verificar no nosso *corpus* os seguintes encontros consonantais impróprios:

Grupo	Exemplos	Nº de palavras encontradas
[kt]	<i>acto</i>	34
[pt]	<i>manuscriptos</i>	6
[gn]	<i>assignado</i>	5
[ks]	<i>deducção</i>	4
[mn]	<i>alumnos</i>	1
[sc]	<i>sciencia</i>	1
TOTAL		51

Quadro 2 - Encontros consonantais encontrados no *corpus*
Fonte: a autora.

Na próxima subseção, serão elencados os processos fonológicos relacionados às vogais orais.

1.3 Fenômenos fonológicos relacionados às vogais

Alguns estudiosos como Mattos e Silva (1991), Haury (2008) e Teyssier (2007) estudam várias mudanças linguísticas do português arcaico. Iremos nos deter em estudos acerca de fenômenos fonológicos relacionados às vogais orais em estágios distintos da língua, a fim de compreendermos alguns processos de variação e mudança da língua portuguesa. Os textos escritos são importantes para o estudo do português antigo e para o estudo de sua evolução. Nesses textos, é possível observar a influência da língua oral sobre a escrita. Logo, os processos fonológicos, frequentes na língua oral, podem ser observados em escritos antigos, principalmente em textos produzidos antes de um modelo de normatização ortográfica, que ocorreu, em 1911, sob a supervisão do ministro do interior do Governo Provisório, Antônio José de Almeida, o qual nomeou uma comissão que possibilitou a inserção de certas alterações no sistema da “*Ortografia Nacional*”, como a conservação do *h* inicial etimológico, substituição do *s* por *z* final etimológico dos vocábulos e nomes próprios, substituição do acento agudo pelo circunflexo nas vogais nasais, dentre outros (LIMA, 2009).

Os processos fonológicos, como explicam Seara, Nunes, Lazzarotto-Volcão (2015):

são modificações que os morfemas sofrem quando se combinam para formar palavras. Eles podem alterar ou acrescentar traços articulatórios, eliminar ou inserir segmentos, e [...] podem ser classificados em função das alterações que ocorrem nos segmentos. (SEARA, NUNES, LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 140)

Os processos fonológicos referentes às vogais orais encontradas no nosso *corpus* serão descritos a seguir.

1.3.1 Harmonia vocálica

Neste processo, também chamado de *alteamento* ou *elevação com motivação aparente*, cuja motivação corresponde à vogal alta na posição tônica, ocorre uma assimilação que permite que as vogais tornem-se mais semelhantes entre si (SEARA, NUNES, LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015). Assim:

A harmonia vocálica é um processo que consiste em a vogal pré-tônica assimilar um ou mais traços da vogal da sílaba imediatamente seguinte, [isto é], a vogal tônica tem traço [+alto], logo, a vogal pré-tônica também assumirá o traço [+alto], como, por exemplo, em v[i]stido, m[i]nino e c[u]ruja. [Nesse processo], uma vogal não acentuada assume o mesmo valor do traço da vogal acentuada que a segue, geralmente o traço [+alto]. (SEARA, NUNES, LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2015, p. 154)

Desse modo, o processo de harmonia vocálica corresponde ao alteamento das vogais médias /e, o/, as quais ocorrem como /i, u/ na presença de uma vogal alta na sílaba seguinte. Exemplos: *mutivo*, *fiminino*.

1.3.2 Alçamento sem motivação aparente

Esse processo ocorre em “casos em que as vogais médias pretônicas são pronunciadas como altas mesmo sem a presença de uma vogal alta em sílabas adjacentes [...], ou seja, sem contexto linguístico favorecedor” (KELLER; COSTA, 2014, p. 64). Exemplos: *impréstimo*, *descuberta*.

1.3.3 Abaixamento vocálico

Este processo fonológico, segundo Rezende (2013, p.16), é caracterizado “pela mudança de altura das vogais médias, que passam de [-baixo] para [+baixo] na sílaba pretônica”. Essa assimilação vocálica, em nosso corpus, ocorre com o abaixamento das vogais altas /i/ e /u/ para as médias altas /e/ e /o/, como em *vezinho* e *propozemos*.

Em seguida, descrevemos os procedimentos metodológicos deste estudo.

2 METODOLOGIA

Com base em registros antigos pode-se olhar para o passado das línguas e estudar as mudanças e variações que estas sofrem no decorrer do tempo. Através do processo de reconstituição do texto escrito é possível obter dados linguísticos significativos, os quais podem representar a instabilidade do sistema vocálico e consonantal, na escrita, em diferentes estágios da língua. Assim, a partir das três categorias de Lass (2000), é possível classificar os dados linguísticos extraídos do *corpus* como: *a) lixo, composto por dados que contêm erros e lapsos de escrita, como assingado; b) grafia significativamente fonológica, dados que indicam processos fonológicos, como fiminino e c) variação puramente ortográfica, representando dados de tradição ortográfica e etimológica, como em estaduaes. Neste estudo, analisaremos apenas os casos b) e c).*

Os dados pertinentes a esta pesquisa foram selecionados a partir de edições fac-similadas, diplomáticas e semidiplomática de 119 documentos antigos do Rio Grande do Sul, das cidades de Santa Maria, São Sepé, Dom Pedrito, dentre outras, dos séculos XVIII, XIX e XX. Os documentos constituem-se de memoriais, cartas, telegramas, recibos, boletins de ocorrências, autuações etc., editados e transcritos na disciplina de Filologia do Português, do Curso de Bacharelado em Letras, os quais pertencem ao Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, ao projeto *Banco de dados de textos escritos: português histórico do Rio Grande do Sul*, da Dr. Evelyne Costa (COSTA et al, 2012) e do Museu de Dom Pedrito, os quais foram escritos nas cidades de Santa Maria, Dom Pedrito, Silveira Martins, São Pedro, Bagé, Boqueirão e Porto Alegre.

A partir das edições, buscou-se vocábulos em que apenas as vogais orais, em posição pretônica e postônica, e as consoantes que divergem da grafia do português atual. Em seguida, verificou-se a incidência de processos fonológicos, especificadamente, no sistema vocálico, como *alçamento sem motivação aparente* (exemplo), *harmonia vocálica* (**f**eminino – **f**iminino), *abaixamento* (**i**nimigo – **e**nemigo), dentre outros. Neste trabalho, não levamos em conta os diacríticos e a acentuação na análise dos dados.

Com base em teorias linguísticas modernas, procura-se explicar a ocorrência de processos linguísticos no português atual através de uma análise fonológica do português antigo. Como justificativa do estudo de variação linguística em textos antigos, podemos citar o *Princípio do Uniformitarismo*⁷, de Labov (1972), segundo o qual as forças linguísticas que ocorrem atualmente ao nosso redor são as mesmas que ocorreram ao longo do tempo [tradução nossa].

Por fim, discutem-se os resultados obtidos, a fim de se compreender os processos fonológicos atuais, como também variações da língua portuguesa por meio de registros escritos.

Na próxima seção, apresentamos e analisamos os dados extraídos dos manuscritos.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, analisamos os dados do *corpus*, vogais e consoantes, dispostos em quadros de acordo com a classificação de Lass (2000). Primeiramente as vogais, e, em seguida, as consoantes.

No Quadro 3, a seguir, apresentamos os vocábulos relacionados às vogais, classificados conforme Lass (2000) em *Grafia significativamente fonológica* e *Variação puramente ortográfica*, à exceção de *lixo*, que não há ocorrência no quadro:

⁷ Uniformitarianism Principle (LABOV, 1972): *The linguistic forces operating around us today are the same ones that have been operating across the ages.*

Grafia Significativamente Fonológica	Variação Puramente Ortográfica	
<i>Mutivo</i> <i>refirido</i> <i>imidiações</i> <i>virificadas</i> <i>descuberta</i> <i>nomiado</i> <i>perçiguida</i> <i>adeante</i> <i>propozemos</i> <i>vezinho</i> <i>defeculdade</i> <i>endeçisa</i> <i>enteirado</i> <i>mederijo</i> <i>apartecipação</i> <i>endagar</i> <i>partecipar</i> <i>fiminino</i> <i>impréstimo</i> <i>arial</i> <i>milhor</i> <i>corriligionario</i>	<i>nacionaes</i> <i>lateraes</i> <i>geraes</i> <i>annuaes</i> <i>federaes</i> <i>materiaes</i> <i>municipaes</i> <i>editaes</i> <i>locaes</i> <i>signaes</i> <i>sinaes</i> <i>estadoaes</i> <i>quaesquer</i> <i>quaes</i> <i>taes</i> <i>pae</i> <i>façaes</i> <i>fassaes</i> <i>vae</i> <i>insistio</i> <i>repartio</i>	<i>creedor</i> <i>cousa</i> <i>projeetos</i> <i>avultudo</i> <i>possue</i> <i>contribue</i> <i>Deos</i> <i>seo</i> <i>meo</i> <i>repartio</i> <i>quaes</i> <i>dous</i> <i>seos</i> <i>enemigo</i> <i>otro</i> <i>epopéa</i> <i>idéa</i> <i>contribue</i> <i>sobri</i> <i>cincoenta</i> <i>legoas</i>

Quadro 3: Quadro-resumo das vogais segundo a classificação de Lass (2000)

Fonte: a autora.

A seguir, analisaremos as ocorrências de grafia significativamente fonológica com base nos processos fonológicos de harmonia vocálica, abaixamento e alçamento sem motivação.

3.1 Harmonia vocálica

Os vocábulos pertencentes ao Quadro 4 apresentam uma substituição de vogal média alta em posição pretônica por vogal alta na presença de vogal alta nas sílabas adjacentes. Esse processo assimilatório torna as vogais mais semelhantes entre si, isto é, a vogal média sofre uma mudança de traço de altura da língua em função da vogal alta mais próxima.

Harmonia vocálica
<i>refirido</i> <i>mutivo</i> <i>imidiações</i> <i>virificadas</i> <i>discubrida</i> <i>perciguida</i> <i>fiminino</i> <i>corriligionario</i>

Quadro 4 – dados relacionados ao processo de Harmonia vocálica.
 Fonte: a autora.

Em relação às vogais /e/ e /i/, Mattos e Silva (1991) relata que essa harmonização já aparece fixada no português desde o século XVI e explica que “a variação gráfica mais destacada nessa posição [pretônica interna] é aquela entre < e > e < i > quando na sílaba acentuada estão as altas /i/ ou /u/, vogais ou semivogais” (SILVA, 1991, p. 59), como nas palavras *imidiações*, *refirido*, *virificada*, *discubrida*, *perciguida*, *fiminina*, *corriligionario* do nosso *corpus*.

Já entre a variação gráfica de /o/ e /u/, a autora aponta que esse processo ocorre quando na sílaba tônica estão /i/ ou /u/, vogais ou semivogais, como em *mutivo* e *descubrir*. Ademais, “o mesmo fenômeno assimilatório, ou seja, a harmonização na direção da vogal alta, já está indicado na grafia de documentos desde o século XIII.” (MATTOS E SILVA, 1991, p. 60). Desse modo, podemos perceber que a harmonização das vogais médias é um fenômeno muito antigo na língua portuguesa.

Além da assimilação das vogais por harmonia vocálica, de acordo com Carneiro e Magalhães (2008, p. 6), que tomam como base os estudos de Bisol (1981), “a elevação pode ocorrer também pela presença de uma fricativa na coda da sílaba, geralmente o [s], ou de consoantes adjacentes como a oclusiva velar [k] e as bilabiais [b, m]”, o que explica a harmonização nos vocábulos extraídos do *corpus*, como *discubrida*, *descubrir*, *perciguida*, *imidiações*, *fiminino*.

3.2 Abaixamento vocálico

Os vocábulos pertencentes ao Quadro 5 apresentam uma mudança de altura das vogais altas /i/ e /u/ para as médias altas /e/ e /o/ em posição pretônica.

Abaixamento Vocálico
<i>ade<u>e</u>ante</i>
<i><u>e</u>nemigo</i>
<i><u>e</u>ndeçisa</i>
<i>de<u>f</u>eculdade</i>
<i><u>e</u>nteirado</i>
<i>mede<u>r</u>ijo</i>
<i><u>e</u>ndagar</i>
<i>part<u>e</u>cipar</i>

Quadro 5 – dados relacionados ao processo de abaixamento vocálico.
Fonte: a autora.

Essa queda da altura das vogais pode ocorrer por vários motivos. Como explica Amaral (1996, p. 102), a maior ocorrência de abaixamento vocálico, em relação às vogais altas /i/ e /u/ diante das vogais médias, como nos dados *propozemos*, *enteirado*, *endeçis*; pode ocorrer devido ao fato de que “o fonema assimilado passa a ter os mesmos traços do fonema gerador do processo de assimilação, configurando-se numa assimilação total”, ou seja, nesses vocábulos há o contexto ideal para o abaixamento por assimilação, devido ao /e/ na sílaba posterior. O autor aponta também que “as variáveis importantes para o abaixamento de /i/ e de /u/, são aquelas referentes à altura da vogal da sílaba seguinte, ao ponto de articulação da consoante precedente e ao tipo de sílaba átona ou tônica” (AMARAL, 1996, p. 102).

Amaral (1996) ainda explica que as consoantes alveolares (t, d, s, z, n) também favoreceriam o abaixamento de /i/, como em *defeculdade*, *mederijo*, *adeante*, *endagar*, *enteirado* e *endeçisa*. Assim, o autor declara que o procedimento de abaixamento do /i/ “está intimamente ligado à presença de consoante alveolar na vizinhança, podendo-se inferir, até, que a ocorrência desse tipo de alternância vocálica, mesmo por harmonização, dependa de sua

presença” (AMARAL, 1996, p.116), como observamos nos dados do nosso *corpus*.

3.3 Alçamento sem motivação aparente

O processo de alçamento sem motivação aparente também corresponde à troca de altura das vogais médias por altas, porém sem um contexto favorecedor, ou seja, uma vogal alta na sílaba seguinte. As palavras do Quadro 6 apresentam o alteamento das vogais médias altas /e/ e /o/ para as altas /i/ e /u/. Essa grafia ocorre em itens esporádicos do léxico do português antigo, a qual “não se pode aplicar uma regra de condicionamento fonético”, como ressalta Mattos e Silva (1991, p. 61).

Alçamento sem motivação aparente
<i>impréstimo</i> <i>desc<u>u</u>berta</i> <i>nom<u>i</u>ado</i> <i>m<u>i</u>lhor</i>

Quadro 6 – dados relacionados ao processo de alçamento sem motivação aparente.
Fonte: a autora.

Carneiro e Magalhães (2008) explicam que o processo de alçamento sem motivação aparente pode atingir:

[...] as variações do timbre da vogal pretônica, contextualizando-se pelas consoantes circunvizinhas ao invés da sua aplicação pela vogal subsequente, o que pode ser exemplificado nos vocábulos m/o/leque e m/u/leque, b/o/cejar eb/u/cejar, m/e/lhor e m/i/lhor e c/o/légio ec/u/légio. (CARNEIRO; MAGALHÃES, 2008, p.4)

O alçamento é chamado de sem motivação aparente, pois há a elevação da vogal média sem a presença da vogal alta na sílaba seguinte. As palavras do Quadro 6, então, podem ser contempladas por essa explicação, devido à

ausência de um contexto favorecedor na sílaba seguinte, qual seja, uma vogal alta (i ou u).

3.4 Variação Puramente Ortográfica

Os vocábulos inseridos no Quadro 3, relacionados à *Variação puramente ortográfica*, são analisados de acordo com suas ocorrências. A seguir, o Quadro 7 exemplifica os ditongos orais finais presentes no *corpus* de análise. Eles foram divididos pelo tipo de desinência se nominal ou verbal.

Ditongos orais finais					
-ae(s) – desinência nominal	-ae(s) – desinência verbal	-io – desinência verbal	-eo – desinência verbal	-eo desinência nominal	-ue – desinência verbal
<i>nacionaes</i> <i>lateraes</i> <i>legaes</i> <i>geraes</i> <i>annuaes</i> <i>federaes</i> <i>materiaes</i> <i>municipaes</i> <i>editaes</i> <i>locaes</i> <i>signaes</i> <i>sinaes</i> <i>estadoaes</i>	<i>façaes</i> <i>passaes</i> <i>vae</i>	<i>insistio</i> <i>repartio</i> <i>sentio</i> <i>vio</i>	<i>falleceo</i> <i>apareceo</i> <i>sofreo</i> <i>cevaleo</i>	<i>Deos</i> <i>seo</i> <i>meo</i>	<i>possue</i> <i>contribue</i>

Quadro 7 – resumo dos ditongos orais extraídos do *corpus*.
Fonte: a autora.

Em se tratando da origem dos ditongos, Costa (2011) exprime que:

[...] o latim clássico dispunha de três: *ae* (*caelum*); *oe* (*prosopopeia*); *au* (*tesaurus*), dos quais apenas *au* passou ao português. Os demais ditongos foram reduzidos, como em *caelum*>c/Ew/ e *prosopoeia*>prosopop/Ej/a. O português herda o ditongo *au*, como em *aurum* > ouro ~oro; *tesaurus*>tesouro ~oro. (COSTA, 2011, p. 595)

Conforme Câmara Jr. (1979), os ditongos na língua portuguesa ocorrem quando um dos elementos vocálicos é tônico, assim o autor enumera 11 ditongos decrescentes, como /ai/, /au/, /éi/, /êi/, /iu/, /ói/, /ôi/, /ôu/ e /ui/, e um crescente, /ku/, /gu/ (a,ê,ê,i,ô,ô), formado pela “vogal assilábica /u/ depois da oclusiva labial diante de vogal silábica [...] como em *qual*” (CÂMARA JR., 1979, p. 56).

Teyssier (2007) explica que a pronúncia monossilábica de certos grupos de vogais em hiatos origina ditongos:

Assim *a-e* dará *ae*, que se confundirá com *ai*; ex.: *sina-es* (plural de sinal) > *sinaes* > *sinais*. Da mesma maneira *a-o* dará *ao*, que se confundirá com *au*; ex.: *ma-o* > *mao* > *mau*. Mas em três tipos de sequências vocálicas o produto da contração será um ditongo inteiramente novo, que não existia na língua. Essas três sequências são *O-e* (com [O] como primeira vogal), *E-e* (com [E]) e *E-o* (com [E]) que darão, respectivamente, *oe* (escrito hoje *ói*), *ee* (escrito hoje *éi*) e *eo* (escrito hoje *éu*). Temos, pois, *so-es* (plural de sol) > *soes*, hoje *sóis*; *crue-es* (plural de cruel) > *cruees*, hoje *cruéis*; *ce-o* > *ceo*, hoje *céu*. (TEYSSIER, 2007, p. 37)

Hauy (2008) explica que os vocábulos com terminação *-al*, *-ol*, *-ul*, faziam o plural conforme o latim, em *-ales*, *-oles*, *-ules*, como nas palavras “*capital - capitales*, *sol - soles*, *paul - paules*. Com a queda do *l* intervocálico, no século XVI, fixaram-se os vocábulos *capitales*, *soers*, *paues*, como nas palavras do *corpus*. Desse modo, verificamos que com a queda do *l*, formam-se hiatos que, posteriormente, formarão ditongos, como em *loca-es* e *naciona-es*, por exemplo, que transformam-se em ditongo com a queda do *l*.

Em relação aos ditongos com terminação *-ae(s)* que indicam desinência verbal, como em *façaes*, *passaes*, *vae*, eles têm sua origem nos hiatos criados em função da queda do *-d* intervocálico na primeira metade do século XV (PAIVA, 2008).

Lima (2009) diz que o ditongo *io* era usado na grafia dos verbos de terceira conjugação no pretérito perfeito, atualmente grafado *iu*, como nos vocábulos *insistio*, *vio*, *repartio*, hoje *insistiu*, *viu*, *repartiu*. Logo, os vocábulos *insistio*, *faleceo* e *possue*, por exemplo, hoje com terminação em *-iu*, *-eu* e *-ui*, são reflexo dessa mudança que ocorreu na língua portuguesa.

Em palavras como *Dous*, *seo*, *meo*, *cousa*, muito recorrentes em textos antigos, Mattos e Silva (1991) explica que desde a fase arcaica há indícios de variação dos ditongos <ou ~ oi>, o que ainda ocorre no português de Portugal e do Brasil (*cousa* – *coisa*). Para a autora, “esses ditongos em variação têm origens históricas distintas: < ou >, do ditongo latino <au>, ou resultado da vocalização do // em <al> : mouro (<lat. mauru), outro (<lat. alteru)” (SILVA, 1991, p. 66). Entretanto, Teyssier (2007) diz que esse processo está vinculado ao da monotongação:

O ditongo *ou*, isto é, [ow] passou a [o] no atual português comum; ex.: *cousa*, *pouco*, *amou*, *doutor*. Esta monotongação começou provavelmente a manifestar-se no século XVII. [...] Mas em algumas delas (regiões) *ou* foi substituído por *oi*, do que resultaram hoje os pares *ou-oi*. O surgimento desta variante *oi* está, evidentemente, ligado à monotongação. É porque em *ou* os elementos, inicial e final, se aproximavam que a língua os fez distanciar. Assim, o ditongo evitava a monotongação, mas ao preço de uma mutação que o fazia confundir-se com *oi* ([ou]), ditongo que já existia na língua (ex.: *noite*, *oito*). (TEYSSIER, 2007, p. 44)

Teyssier (2007) também expõe que há um atraso da grafia em relação à pronúncia nos casos em que as vogais foram suprimidas em decorrência das reduções citadas acima. O autor dá o exemplo de “*seerei*, *teerei* [que] reduzem-se a *serei*, *terei*, com [e] pretônico (em vez de [E] esperado)” (TEYSSIER, 2007, p. 38), como é o caso da palavra *creedor* presente no *corpus*. É persistente na escrita a conservação das letras que representavam as formas etimológicas dos novos ditongos, como as palavras descritas no *corpus* (*nacionaes*, *sinaes*, etc.). Além disso, “escrevem-se vogais duplas em palavras que nunca as haviam tido, como forma de indicar a sílaba tônica (ex.: *estaa*, *poobre*, *antiigo*)” (TEYSSIER, 2007, p. 38), como na palavra *projeetos* encontrada no *corpus*.

A palavra *avultudo*, com participípio passado em *-udo*, comum no participípio dos verbos de 2ª conjugação, corresponde à terminação latina *-utus* (HAUY, 2008).

Em relação às palavras *cheo*, *epopéia* e *idea*, Teyssier (2007) diz que os hiatos –eo, -ea são eliminados pelo aparecimento de um iode, resultando em –eio, -eia.

Por fim, Teyssier (2007) declara que, nos século XVIII, as átonas finais -e e -o eram pronunciadas com [i] e [u], principalmente pelo portugueses, entretanto, esses casos podem ser datados em épocas anteriores. O autor explica:

O português atual de Portugal transformou este [i] numa vogal central muito fechada e muito breve que transcrevemos por [ë]. [...]este [ë] hoje tão breve na pronúncia corrente que se torna praticamente inaudível: *passé* e *ponté* são percebidos como *pass'e* e *pont'*. Tal [ë] não veio, com toda a evidência, diretamente do antigo [e] realização primitiva do -e final átono, mas sim do [i] atestado na primeira metade do século XVIII, tendo-se processado a evolução de acordo com o seguinte esquema: [e] > [i] > [ë]. [...] No Brasil, como veremos, [i] por -e átono final é hoje a norma. (TEYSSIER, 2007, p. 49)

Então, como resultado dessa troca, na pronúncia de /i/ por /e/, encontramos a palavra *sobri no corpus* analisado.

Em relação às palavras *cincoenta* e *legoas*, Mattos e Silva (1991, 67) diz que “na fase arcaica o ditongo crescente que tem como semivogal o elemento /u/ - /ua, /uo/ - ocorre seguindo as velares /k/ e /g/ e são geralmente representados por *u*, raramente por *o*.” Contudo, em alguns documentos citados pela autora, aparecem as palavras *agoa*, *agoardente* e *mengoa*.

A seguir, apresentamos a discussão deste estudo relacionada às consoantes.

3.5 Consoantes

Classificamos os vocábulos com variações consonantais como *Grafia puramente ortográfica*, segundo a classificação de Lass (2000) no Quadro abaixo. Em seguida, analisamos os casos relacionados a 1) *consoantes geminadas*; 2) *substituições consonantais* e 3) *encontros consonantais impróprios*.

Variação Puramente Ortográfica		
Consoantes Geminadas	Substituições Consonantais	Encontros Consonantais Impróprios
<i>annuaes</i> <i>permittis</i> <i>anno</i> <i>notta</i> <i>attingir</i> <i>offerecerem</i> <i>appresentar</i> <i>Bocca do Monte</i> <i>effectuada</i> <i>aquella</i> <i>correnteanno</i> <i>Martins</i> <i>commercio</i> <i>elle</i> <i>sommas</i> <i>parcellas</i> <i>commissão</i> <i>pressupposto</i> <i>official</i> <i>officio</i> <i>illustre</i> <i>occasionar</i> <i>offendido</i> <i>attingir</i> <i>mappa</i> <i>remettida</i> <i>commissão</i> <i>accentuar</i> <i>recommendam</i> <i>attendendo-se</i> <i>funccionado</i> <i>emmitir</i> <i>immenso</i> <i>excellentíssimo</i> <i>nella</i> <i>offerecidas</i> <i>submettida</i> <i>grammas</i> <i>grammaticas</i> <i>oportunidade</i> <i>transmittidos</i>	<i>mezes</i> <i>mez</i> <i>prêzo</i> <i>rasão</i> <i>trançelins</i> <i>conservando-çe</i> <i>Luçio</i> <i>mançilha</i> <i>responçabilizando-me</i> <i>exérçito</i> <i>retirando-çe</i> <i>endeçisa</i> <i>tiveçe</i> <i>achaçe</i> <i>Jaçinto</i> <i>descançado</i> <i>procurador</i> <i>fis</i> <i>asino</i> <i>exersisio</i> <i>esercicio</i> <i>pretenções</i> <i>precente</i> <i>mayor</i> <i>syndicancia</i> <i>freguêzia</i> <i>asinado</i> <i>quidado</i> <i>méthodo</i> <i>regulariSar</i> <i>exelentíssima</i> <i>orgamisação</i> <i>aceio</i> <i>juis</i> <i>juiso</i> <i>avizei</i> <i>tradus</i> <i>faser</i> <i>Brazil</i> <i>geographias</i>	<i>esculptor</i> <i>objecto</i> <i>lumnos</i> <i>effectuada</i> <i>asigno</i> <i>escripturação</i> <i>escripta</i> <i>acto</i> <i>deducção</i> <i>efectuou</i> <i>extracção</i> <i>Instrucção</i> <i>assignada</i> <i>acta</i> <i>tractar</i> <i>contractos</i> <i>directoria</i> <i>manuscriptos</i> <i>selectas</i> <i>factos</i> <i>victoriosa</i> <i>assignala</i> <i>productos</i> <i>actuação</i> <i>funções</i> <i>actualmente</i> <i>escriptura</i> <i>contracto</i> <i>director</i> <i>acta</i> <i>contracto</i> <i>contractados</i> <i>assignam</i> <i>Octaviano</i> <i>infranscripto</i> <i>activo</i> <i>inactivo</i> <i>enstrucção</i> <i>espector</i> <i>districto</i> <i>efectivos</i> <i>contractado</i>

<i>annocreada</i>	<i>lousa</i>	<i>extincta</i>
<i>sello</i>	<i>arithmeticas</i>	<i>contractado</i>
<i>cavalette</i>	<i>Rodolpho</i>	<i>tractado</i>
<i>vallas</i>	<i>Mappasgeographicos</i>	<i>tractar</i>
<i>effectividade</i>	<i>trez</i>	<i>prompto</i>
<i>contteudo</i>	<i>dusentos</i>	<i>caracter</i>
<i>atté</i>	<i>innutilizados</i>	<i>Ignácio</i>
<i>offerecer</i>	<i>felis</i>	<i>effectividade</i>
<i>officio</i>	<i>couza</i>	<i>effectivo</i>
<i>vottos</i>	<i>prezente</i>	
<i>cheffe</i>	<i>comunicação</i>	
<i>fittas</i>	<i>obzequio</i>	
<i>cavallos</i>	<i>sesção</i>	
<i>apparelhos</i>	<i>avizados</i>	
<i>attender</i>	<i>telegrapho</i>	
<i>mattas</i>	<i>esthetica</i>	
<i>funccionários</i>	<i>theor</i>	
<i>mallá</i>	<i>telephonica</i>	
<i>telegramma</i>	<i>autorizado</i>	
<i>defficiencias</i>	<i>capitalisado</i>	
<i>recommendações</i>	<i>amortisar</i>	
<i>supprir</i>	<i>praso</i>	
<i>ellas</i>	<i>amortisações</i>	
<i>ella</i>	<i>innutidasados</i>	
<i>notabillissimo</i>	<i>pretenções</i>	
<i>encommenda</i>	<i>hygienica</i>	
<i>attitude</i>	<i>excrúpulo</i>	
<i>collocando-o</i>	<i>defeza</i>	
<i>commemorar</i>	<i>redusiu</i>	
<i>effeito</i>	<i>sciencia</i>	
<i>commandada</i>	<i>archivada</i>	
<i>transmmitidas</i>	<i>machina</i>	
<i>alludis</i>	<i>archivo</i>	
<i>occorrencias</i>	<i>monarchia</i>	
<i>allegações</i>	<i>extraordinario</i>	
<i>collaboração</i>	<i>extraordinariamente</i>	
<i>annualmente</i>	<i>thesoureiro</i>	
<i>alludido</i>	<i>entusiasmo</i>	
<i>acceitava</i>	<i>authorizando</i>	
<i>innutilisados</i>	<i>dezejando</i>	
<i>bella</i>	<i>tezouro</i>	
<i>remetto-vos</i>	<i>brazileiros</i>	
	<i>pocivel</i>	
	<i>valiozo</i>	
	<i>concensso</i>	
	<i>gasetá</i>	
	<i>trasendo</i>	
	<i>axarão</i>	

	<i>nececidade</i> <i>cinceros</i> <i>certesa</i> <i>cazo</i> <i>apezar</i> <i>preça</i> <i>conheso</i> <i>caza</i> <i>maxado</i> <i>dispençeis</i> <i>meza</i>	
--	--	--

Quadro 8 – resumo das consoantes segundo a classificação de LASS (2000).
Fonte: a autora.

Na sequência, analisamos os casos de grafia que resultam de uma tradição ortográfica ou de traços etimológicos.

3.5.1 Consoantes Geminadas

As consoantes geminadas ou duplas são dois segmentos consonantais que aparecem duplicadas nas palavras. Segundo Lima (2009), as consoantes geminadas reduziram-se a simples na passagem para o português, exceto os grupos formados por *s* e *r*. A autora cita a *Gramática da língua Portuguesa Vasquez Custa*, de 1971, que diz que a origem da geminação no português arcaico teve procedência etimológica (*annos*, *affecto*, *cavallos*), mas também, às vezes, origem arbitrária, devido à falta de uma convenção ortográfica da língua.

Paiva (2008) expõe que o *l* inicial, medial ou final era frequentemente duplicado desde o século XV, mas no *corpus* encontramos apenas a duplicação no meio de palavra como em *valla*, *ella*, *bella*, etc.

Além da duplicação de *l*, encontramos as seguintes consoantes geminadas no *corpus*:

ll – *parcellas*;

tt – *vottos*;

ff – *offerecer*;

pp – *mappa*;

cc – *occasionar*;

mm – *commercio*;

ss – *comissão*;

rr – *ocorrência*.

Ao observar os exemplos acima, podemos concluir que a geminação ocorria com qualquer consoante e que não há o predomínio de uma forma geminada sobre outras palavras extraídas do *corpus*.

3.5.2 Substituições consonantais

Paiva (2008) diz que o uso de *y* e *j* era muito irregular e servia para substituir a vogal *i*, como nas palavras *hygienica* e *syndicancia*. Lima (2009) explica que o *y* foi uma herança dos gregos herdada pelos latinos. No *corpus* de análise encontramos o *y* em palavras de origem latina, como *mayor* (do lat. *major*), por exemplo. Assim como o emprego da consoante *h*, usada na terceira pessoa do presente do indicativo (*há*), com o verbo *ser* (*he*), no artigo indefinido *huã* e no pronome pessoal *heu*. Essa instabilidade acontecia também com o grupo *qu* representado por *c*, ou ao contrário, como em *procurador*.

Ademais, o *h* aparece nos dígrafos *th*, *ph* e *ch*, nos dados do *corpus*. Esses grupos são vistos em palavras de origem estrangeira, como *telegrapho* (do inglês, *telegraph*), por exemplo. O *ch* corresponde ao som /k/, como nas palavras *machina*, *monarchia*, *archivada*, etc, e o *ph* ao som de /f/, como observado no nome próprio *Rodolpho*. O *th* aparece em palavras como *theor*, *aritmética*, *esthetica*, dentre outras. Para Lima (2008, p. 100), apenas a etimologia justifica o uso desses grupos no século XIX.

Em relação ao uso da sibilante *S*, o *s* forte com som de *ss* aparecia no início e no meio de palavras, sem reduplicações, como em *asinado*, por exemplo. Em se tratando das sibilantes. Lima (2008) explica que havia distinção na pronúncia de *s* intervocálico e *z*, *ss* e *ç*, *ch* e *x*; “entre *coser* e *cozer* havia diferença de pronúncia, visto que *z* soaria /dZ/; entre *passo* e *paço*, em que *ç* soaria /ts/; entre *chaga*, em que o *ch* soaria /tʃ/, e *luxo*, em que o *x* equivaleria a /S/” (PAIVA, 2008, p. 177). Teyssier (2007) explica que, no início do século XVI,

as africadas /dZ/ e /tS/, tinham perdido o seu elemento oclusivo inicial *d* e *t*, mas ainda assim se fazia distinção entre os dois pares de fonemas. Contudo, a confusão na grafia se fez constante, como podemos ver em palavras como *prezente*, *excrúpulo*, *pocível*, etc.

3.5.3 Encontros consonantais impróprios

Segundo Lima (2009), os grupos consonantais apareciam no início e meio de palavra e podem ser latinos ou helênicos. A autora explica que “os grupos de origem latina *bd*, *pt*, *cç*, *ct*, *gm*, *gn*, *mn* e *mpt* e os de origem helênica *th*, *ph*, *ch*, *rh* e o *y* foram introduzidos ao nosso sistema pelos latinos” (LIMA, 2009. p. 102). De acordo com Paiva (2008, p. 183), na medida em que a influência do latim foi aumentando, nos textos antigos cresceram as palavras com ortografia erudita; como é o caso das geminadas e dos encontros consonantais impróprios hoje na língua, como: “*efecto*, *dicto*, *acceptar*, *excepçam* (exceção) [...] e *cognoscer*”. Esse uso se dá por etimologia ou simplesmente pela escolha dos redatores da época.

Em relação ao encontro consonantal impróprio [pt], como em *escriptura*, Paiva (2008, p. 181) esclarece que esse p “intruso”, “já em latim vulgar e em latim medieval, com a finalidade inicial de preservar o som de duas nasais consecutivas *m* e *n*; continuou no português arcaico, talvez por mera tradição ortográfica”, como na palavra *prompto* extraída do corpus.

Lima (2009) cita o mesmo exemplo presente no corpus em análise, a palavra *sciencia*, cujo grupo consonantal *sc*, de origem latina, na passagem para o português, perdeu seu elemento inicial *s*. A autora ainda fala sobre o travamento consonantal, presente em textos do séculos XIX, pois o sistema da língua portuguesa tem a tendência de criar sílabas abertas (CV, VC) e não sílabas fechadas (CVC). Isso pode ser observado nos vocábulos do nosso corpus, como em: *acto*, *lumno*, *prompto*, etc.

Podemos observar, a seguir, no Quadro 9, a incidência dos encontros consonantais impróprios extraídos do corpus de análise.

Grupo	Exemplos	Nº de palavras encontradas
[kt]	<i>Acto</i>	35
[pt]	<i>manuscriptos</i>	7
[gn]	<i>assignado</i>	5
[ks]	<i>deducção</i>	4
[mn]	<i>alumnos</i>	1
[sc]	<i>sciencia</i>	1

Quadro 2 -
Encontros
consonantais
impróprios
encontrados no
corpus.
Fonte: a autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos observar a incidência de variações ortográficas relacionadas às vogais e às consoantes em textos antigos do Rio Grande do Sul, do século XVIII, XIX e XX. Com base em estudiosos da língua portuguesa, observamos características da oralidade nos textos escritos, como é o caso dos processos fonológicos em que a altura das vogais orais oscila entre alta e baixa, quase sempre na presença de contexto linguístico favorecedor. Além do mais, encontramos grafias com resquícios de formas latinizadas em relação aos ditongos e hiatos, grafias com consoantes geminadas e trocas consonantais e vocálicas. Essas variações linguísticas constatadas na escrita ocorrem devido à influência da oralidade que, possivelmente, se dá pela ausência de normatização ortográfica da língua portuguesa.

Em relação à análise das vogais orais, que ora aumentam ou diminuem de altura, alguns estudiosos divergem sobre a origem dessa variação. Em se tratando dos casos decorrentes da pronúncia, como as ocorrências dos processos fonológicos, Teyssier (2007, p. 51), em *História da Língua Portuguesa*, demonstra em três categorias a origem das oscilações entre as vogais /e/, /i/ e /o/, /u/:

- 1) *Dissimilação e dilações*: esta se dá pela inversão das vogais que passam de /e/ e /o/ para /i/ e /u/, como em “*menino* > *minino*,”

fremosura>fremusura”, aquela pela inversão de /i/, /u/ para /e/ e /o/, como em “*dizia >dezia, futuro >foturo*”.

- 2) *Hesitações morfológicas nos paradigmas verbais*: esse caso ocorre devido às alternâncias vocálicas regulares, como “*poseste-puseste e fezera-fizera*”, derivadas de *pôs-pus* e *fez-fiz*.
- 3) *Palavras particulares*: nesta classificação o autor exprime que certos vocábulos com um /o/ ou /e/ em posição pretônica passam para /u/ e /i/, como “*molher>mulher; logar>lugar; melhor>milhor* (que em seguida, por reação erudita, retorna a *melhor*).”

Sobre as classificações acima, Teyssier (2007) relata que todas essas variações são casos antigos e “não se deve, porém, concluir; em nenhum caso, que elas caracterizam uma evolução do sistema e, em particular, uma passagem de [e] a [i] e de [o] a [u]” (TEYSSIER, 2007, p. 59).

Sendo assim, em relação ao caso 2, encontramos no *corpus* o vocábulo *propozemos* que alterna com o verbo *propus*, desqualificando, então, esse dado de ser enquadrado nesta classificação. Ademais, o processo 1 pode corresponder ao fenômenos de harmonia vocálica, e o processo 3 ao de alçamento sem motivação aparente, vistos anteriormente.

Outra discordância ocorre com a palavra *enemigo* presente no *corpus*, a qual classificamos como pertencente ao grupo das *grafias significativamente fonológica* (LASS, 2000), devido ao abaixamento das vogais altas que tornam-se baixas (/e/ < /i/). Dulce Paiva (2008) relata que essa palavra apresentava diversas grafias desde o século XV, como: *ymigo, imygo, emmigo, inimigo, etc.*, pois as vogais orais simples oscilavam frequentemente na passagem do latim para o português. Entretanto, consideramos como abaixamento vocálico e não apenas variação gráfica, porque as duas vogais (*enemigo* – *inemigo*) abaixam para ter uma concordância de altura (-baixa, - alta).

Desse modo, conclui-se que, por mais que diferentes estudiosos da língua portuguesa classifiquem de modo diverso certas variações linguísticas, é possível constatar que essas mudanças em registros antigos ocorrem pela influência de uma *tradição ortográfica e etimológica no decorrer dos séculos, como também pela influência da língua oral*. Este último caso nos permite observar que fenômenos atuais já estavam presentes em períodos anteriores da

língua portuguesa, como é o caso dos processos fonológicos, que hoje são características da língua falada. Assim, observamos que a escrita pode indicar traços de oralidade que se assemelham à variação de pronúncia que se verifica atualmente no português do Brasil.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. *O abaixamento de /i/ e /u/ no português da Campanha gaúcha*. 1996. 132f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 1996. Disponível em: <http://antares.ucpel.tche.br/poslet/dissertacoes/Mestrado/2004/O_abaixamento-Luis_Amaral.pdf>. Acesso em 05 out. 2015.

CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1979.

CAMBRAIA, C. N. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARNEIRO, D. R.; MAGALHÃES, J. S. DE. O sistema vocálico pretônico nas zonas rural e urbana do município de Araguari. *Horizonte Científico*, Uberlândia, v. 2, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/4135/3082>>. Acesso em 17 out. 2015

CAVALIERE, R. *Pontos essenciais em fonética e fonologia*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

COSTA, E. P. F. S. et al. Banco de dados de textos escritos: português histórico do Rio Grande do Sul (PHRS). In: SILVA, J. P. (Org.). *Crítica textual e edição de textos, interagindo com outras ciências*. Curitiba: Appris, 2012.

_____. Mudança de estrutura moraicada do latim ao português. *Alfa*, São Paulo, v. 55, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4741/4046>>. Acesso em 08 nov. 2015.

DONADEL, G. *Grupos consonantais impróprios: estudo diacrônico com base em gramáticas*. 2007. 145 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

HAUY, A. B. Séculos XII, XIII e XIV. In: SPINA, S. (Org.). *História da língua portuguesa*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

KELLER, Tatiana; COSTA, Evellyne Patrícia Figueiredo de. A instabilidade das vogais médias pretônicas em cartas pessoais do Rio Grande do Sul do século XIX. *Sociodialeto*, Campo Grande, v. 4, n. 12. p. 61-72, 2014. Disponível em: <<http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/17/31052014020949.pdf>>. Acesso em 01 out. 2015.

LASS (2000) - LASS, R. *Historical Linguistics and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LIMA, J. A. de. *Análise do sistema ortográfico do português brasileiro em cartas do séc. XIX*. 2008. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

MONARETTO, V. O estudo da mudança de som no registro escrito: fonte para o estudo da fonologia diacrônica. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 40, n. 3. 2005. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fale/article/view/13698/9086>>. Acesso em 01 out. 2015.

PAIVA, D. de F. Século XV e meados do século XVI. In: SPINA, S. (Org.). *História da língua portuguesa*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

PAREDES, L. C.; BUENO, E. S. Da S. A inter-relação entre a sociolingüística e lingüística histórica na compreensão das variações da língua. *Sociodialeto*, Campo Grande, v. 5, n. 13, 2014.

REZENDE, F. A. *O processo variável de abaixamento das vogais médias pretônicas no município de Monte Carmelo-SC*. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)-Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2013.

SEARA, C. I.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2002.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo/Bahia: Contexto: Editora Universidade Federal da Bahia, 1991.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007